Lição 9: O que os filósofos antigos e o homem comum dizem sobre a fortuna

Bekker: 197 a 8-35

> *O SIGNIFICADO DAS COISAS QUE OS FILÓSOFOS ANTIGOS E O HOMEM COMUM DIZEM SOBRE A FORTUNA*

217. Após ter dado a definição de fortuna, ele estabelece a partir dessa definição o significado [*ratio*] daquelas coisas que são ditas sobre a fortuna.

Primeiro, ele considera aquilo que os filósofos antigos disseram sobre a fortuna. Em segundo lugar, onde ele diz, 'Assim dizer...' (197 a 18 #219), ele considera aquilo que o homem comum diz sobre a fortuna. Acima [L7 #199ss], ele apresentou três opiniões sobre fortuna e acaso. E ele refutou a segunda dessas opiniões como sendo completamente falsa, pois essa posição sustentava que a fortuna é a causa dos céus e de todas as coisas mundanas.

Assim, tendo rejeitado a segunda opinião, ele mostra aqui que a terceira opinião, que sustenta que a fortuna é oculta ao homem, é verdadeira. Em segundo lugar, onde ele diz, '... e por que...' (197 a 10 #218), ele mostra como a primeira opinião, que sustenta que nada vem a ser por fortuna ou acaso, poderia ser verdadeira.

Visto que foi dito acima [L8 #214] que as causas *per accidens* são infinitas, e visto que também foi dito [L8 #214] que a fortuna é uma causa *per accidens*, ele conclui disso que as causas daquilo que é por fortuna são infinitas. E como o infinito, na medida em que é infinito, é desconhecido, segue-se que a fortuna é oculta ao homem.

218. Em seguida, onde ele diz, '... e por que...' (197 a 10), ele mostra como a primeira opinião poderia ser verdadeira. Ele diz que, de certa forma, é verdadeiro dizer que nada vem a ser por fortuna. Pois todas aquelas coisas que outros dizem sobre a fortuna são, de certa maneira, verdadeiras, porque têm algum significado [*ratio*]. Como a fortuna é uma causa *per accidens*, segue-se que o que é por fortuna é algo *per accidens*. Mas o que é *per accidens* não é simplesmente. Portanto, segue-se que a fortuna não é a causa de nada simplesmente.

E ele esclarece o que disse sobre cada uma dessas opiniões por meio de um exemplo. Ele diz que, assim como o construtor é a causa *per se* de uma casa e é a causa simplesmente, enquanto o flautista é uma causa *per accidens* da casa; da mesma forma, o fato de alguém ir a um lugar sem intenção de pegar dinheiro é uma causa *per accidens* de levá-lo embora. Mas essa causa *per accidens* é infinita, porque é possível que um homem vá àquele lugar por uma infinidade de outras razões, por exemplo, se veio visitar alguém, ou perseguir um inimigo, ou escapar de um perseguidor, ou ver algum tipo de espetáculo. Ora, todas essas coisas e qualquer coisa semelhante são causas da tomada de dinheiro que acontece por acaso.

219. Em seguida, onde ele diz, 'Assim dizer...' (197 a 18), ele explica o significado [*ratio*] daquelas coisas que são comumente ditas sobre a fortuna.

Primeiro, ele explica por que se diz que aquilo que é por fortuna é sem razão [*ratio*]. Em segundo lugar, onde ele diz, 'Acaso, ou fortuna...' (197 a 25 #222), ele explica por que se diz que a fortuna é boa ou má.

Quanto à primeira parte, ele faz dois pontos. Primeiro, ele prova sua posição. Em segundo lugar, ele levanta uma certa dificuldade onde diz, 'No entanto, em alguns casos...' (197 a 21 #221).

220. Ele diz, portanto, primeiro que a fortuna é corretamente dita ser sem razão [*ratio*]. Pois só podemos raciocinar sobre aquelas coisas que acontecem sempre ou na maioria dos casos. Mas a fortuna está fora de ambas essas situações. E assim, dado que tais causas, que ocorrem em casos excepcionais, são *per accidens* e infinitas e sem razão [*ratio*], segue-se que as causas por fortuna são infinitas e sem razão [*ratio*]. Pois toda causa *per se* produz seu efeito ou sempre ou na maioria dos casos.

221. Em seguida, onde ele diz, 'No entanto, em alguns casos...' (197 a 21), ele levanta uma certa dificuldade. Ele diz que, embora se possa dizer que a fortuna é uma causa *per accidens*, alguns questionarão isso.

O problema é se tudo o que acontece ser uma causa *per accidens* deve ser chamado de causa daquilo que vem a ser por fortuna. Assim, é claro que a causa *per se* da saúde pode ser ou a natureza ou a arte do médico. No entanto, todas aquelas coisas com as quais o vir a ser da saúde acontece estar conectado, como o vento, e o calor, e raspar a cabeça, podem ser chamadas de causas *per accidens*? A questão, portanto, é se cada uma dessas é uma causa *per accidens*.

Como dissemos acima (L8 #214) que a fortuna é propriamente chamada causa *por acidente* do lado do efeito, pois algo é dito causa daquilo que ocorre ao efeito, fica claro que uma causa fortuita produz algo no efeito fortuito, embora não pretenda isso, mas sim outra coisa relacionada ao efeito. Segundo isso, o vento ou o calor podem ser chamados causas fortuitas de saúde na medida em que produzem alguma alteração no corpo, alteração à qual a saúde se segue. Mas a remoção de cabelo ou algo semelhante não produz nada claramente relacionado à saúde.

Contudo, entre as causas *por acidente*, algumas são mais próximas [da causa *per se*] e outras mais remotas. As mais remotas parecem ser menos causas.

222\. Em seguida, onde ele diz: 'Acaso ou fortuna...' (197 a 25), explica por que a fortuna é dita boa ou má.

Primeiro, explica por que a fortuna é dita boa ou má simplesmente. Diz que a fortuna é dita boa quando algo bom acontece e má quando algo mau acontece.

223\. Em segundo lugar, onde ele diz: 'Os termos "boa fortuna"...' (197 a 26), explica o significado [*ratio*] de boa fortuna e má fortuna.

Diz que nos referimos à boa fortuna e à má fortuna quando [o evento fortuito] envolve algum grande bem ou grande mal. Pois um evento é chamado boa fortuna quando dele resulta um grande bem; é chamado má fortuna quando dele resulta um grande mal.

E como a privação de um bem está incluída na noção [*ratio*] de mal, e a privação de um mal está incluída na noção [*ratio*] de bem, então quando alguém está um pouco afastado de um grande bem, é dito desafortunado se o perde. Por outro lado, se alguém está próximo de um grande mal e dele se livra, é dito afortunado. Isso ocorre porque o intelecto considera aquilo que está apenas um pouco afastado como se não estivesse afastado, mas já possuído.

224\. Em terceiro lugar, onde ele diz: 'Além disso, é com razão...' (197 a 30), explica por que a boa fortuna é incerta. Diz que isso ocorre porque a boa fortuna é um tipo de fortuna. Mas a fortuna é incerta porque pertence a coisas que não são nem sempre nem frequentes, como foi dito. Portanto, segue-se que a boa fortuna é incerta.

225\. Finalmente, onde ele diz: 'Ambas são então...' (197 a 33), conclui como uma espécie de resumo que cada uma, i.e., o acaso e a fortuna, é causa *por acidente*, e que cada uma pertence a coisas que não acontecem simplesmente, i.e., nem sempre nem frequentemente, e que cada uma pertence a coisas que vêm a ser em vista de algo, como fica claro pelo que foi dito acima (L7 #198ss).

Revision #2
Created 27 September 2026 17:45:21 by Admin
Updated 1 October 2026 23:37:55 by Admin